

Fazendo Drama com crianças

Nicole Pacheco Barbieri

Recebido em: 15/05/2019

Aprovado em: 02/06/2019

DOI: 10.5965/2358092521212019083

RESUMO

A abordagem pedagógico-teatral do Drama, quando integrada aos planejamentos para a Educação Infantil, pode ampliar as experiências criadas pelas crianças e contribuir com o fortalecimento de vínculos e o protagonismo infantil nas vivências. O presente artigo propõe uma breve reflexão a respeito das possibilidades do Drama resultantes das vivências de estágio realizadas no ano de 2017, em Florianópolis, com um grupo de 22 crianças, com idades entre 4 e 5 anos e 11 meses, que vivenciou as propostas de um projeto de docência alicerçado na estrutura de um processo de Drama. As reflexões aqui propostas buscam inspirar docentes que atuam na Educação Infantil a experimentarem a articulação entre a Pedagogia e o Teatro em seu trabalho, de forma a contribuir com a formação de sujeitos mais críticos e transformadores das realidades em que estão inseridos.

Palavras-chave: *drama; educação infantil; estágio.*

Quanta expectativa! São tantos os preparativos, planejar, confeccionar ou ir atrás de material, escolher cuidadosamente o repertório: boas ideias, boas histórias, boas músicas, boas brincadeiras. Tudo voltado a fazer da docência a melhor experiência da graduação. Teoria, teoria, teoria, teoria... Olha, são 22 rostinhos nos olhando curiosos, talvez também cheios de expectativa. Como dar conta de construir um projeto que transforme toda essa teoria em prática? E mais, prática qualificada, com a certeza do que estamos fazendo e de que isso é o melhor que podemos oferecer. Ufa, não foi fácil! Noites em claro, ajuda de uma rede enorme de amigos queridos que contribuíram de uma forma muito especial para que tudo acontecesse bem, diversas mudanças no planejamento para desviar de cada imprevisto, olhar sensível para cada especificidade, vontade. Vontade de fazer bem, fazer o máximo, fazer com esses dias sejam muito significativos para todos os envolvidos. Tal como afirmou Luciana Ostetto (2010, p. 40), referência nos estudos catarinenses em Educação Infantil, é

preciso “encantar-se para encantar”.

Início com um trecho do diário de campo acerca da minha primeira semana de docência compartilhada no Estágio Curricular Supervisionado IV, disciplina que integra a 6ª fase do curso de Licenciatura em Pedagogia, sob orientação do professor Adilson de Angelo Lopes Francisco, para que as leitoras e leitores se sintam convidados a conhecer mais desse processo que envolveu tantas emoções, angústias e dedicação. O relato transparece de alguns dos vários elementos que devem ser levados em conta no momento de planejar um projeto e a intenção de que a docência seja realizada para e com as crianças.

Os tópicos a seguir estão organizados de forma a apresentar essa experiência de estágio realizada durante a graduação em Pedagogia, e cujo projeto de docência foi planejado a partir de um processo de Drama criado por meio das observações de um grupo de 22 crianças com idades entre 4 e 5 anos e 11 meses matriculadas na Creche Municipal Nossa Senhora Aparecida, localizada no bairro Pantanal, em Florianópolis.

As vivências, realizadas durante os meses de abril e maio de 2017 e brevemente relatadas aqui, estão propostas no intuito de proporcionar reflexões acerca da aproximação entre a Pedagogia e o Teatro como forma de abordar experiências significativas às crianças em tempos e espaços de Educação Infantil.

PONTOS DE PARTIDA

A infância, que de acordo com Delgado (2013, p. 25), constitui uma “[...] condição social que corresponde a uma faixa etária com características distintas, em cada período histórico, das outras faixas etárias”, quando entendida como tempo de experiências significativas que contribuem para o desenvolvimento dos sujeitos, tempo de construção de identidades e referenciais e ampliação de repertórios, torna-se possibilidade para vivências a partir de diferentes linguagens que envolvem diversas áreas de conhecimento.

A educação da infância, principalmente nos primeiros anos de vida, desde a Constituição Federal de 1988 é modalidade da

Educação Básica no Brasil. Denominada Educação Infantil, ela abrange crianças de 0 a 5 anos e 11 meses e tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança em seus aspectos físico, afetivo, intelectual, linguístico e social, complementa a ação da família e da comunidade, e é realizada em estabelecimentos educacionais chamados de creches e pré-escolas, conforme determinam as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica – DCNs (2013).

A experiência, aqui pensada a partir de John Dewey (1859 - 1952), que entendia e defendia a arte como experiência, é resultado da interação entre uma criatura viva e algum aspecto do mundo que ela vive. Dessa forma, a experiência ocorre continuamente, visto que é criada a partir da relação entre o fazer e o ficar sujeito a algo, integrando aspectos que vão além da passividade e que permeiam as ações cotidianas de interação com o meio. Para o autor, a experiência está ligada à reconstrução - visto que incorpora o que já foi vivido e, portanto, está ligada à reelaboração de algo que se encontra no interior do indivíduo que experiencia -; requer envolvimento emocional; e, nela, o percurso, em si, ganha mais destaque que os resultados.

A arte pode ser compreendida como a externalização de processos e relações dos sujeitos a partir de diferentes expressões. Por meio de diferentes linguagens artísticas, tais como a música, a dança, as artes gráficas ou o teatro - este último que é tema da experiência desenvolvida e refletida neste artigo -, a arte tem poder de humanização, visto que acolhe as heterogeneidades dos sujeitos e abre espaço para mais sensibilidade nas vivências e experiências.

Assim, aproximar educação e arte pode significar o alcance de novas relações, interpretações e experimentações nos processos de ensino-aprendizagem. Quando tal aproximação é proposta para a infância, é possível transformar as abordagens, criando contextos de encantamento e despertar novos potenciais de imaginação e criatividade nas crianças.

Os breves conceitos e relações estabelecidos até aqui são pontos de partida para as reflexões propostas por este artigo.

Nos próximos tópicos, o Drama será apresentado como teoria e a experiência de Drama com as crianças será relatada, de modo a suscitar reflexões a respeito dessa possibilidade de encaminhamento metodológico em contextos de Educação Infantil.

O DRAMA

O Drama é definido pelos principais autores da área como um método de vivência e aprendizagem teatral. Criado na década de 1970 por Dorothy Heathcote, e trazido ao Brasil por Beatriz Cabral, nos anos 1990, o Drama é uma das possibilidades para a inserção da linguagem teatral na escola.

Em um processo de Drama, elementos tais como o contexto ficcional, a vivência dividida em episódios, a contribuição dos participantes na continuidade do processo, a vivência de papéis, assim como a interação com diferentes recursos materiais e conhecimentos, são combinados de forma a tornar a experiência significativa aos participantes e como possibilidade para a aquisição de conhecimentos sobre si, sobre o mundo e sobre a arte teatral (PEREIRA, 2015).

De acordo com Pereira (2014b), o Drama como método de ensino do Teatro, propõe a experimentação de variadas situações a partir da exploração de um tema ou conteúdo específico por meio da imersão em um contexto ficcional. Essa experimentação permite o estabelecimento de vínculos das crianças com os temas e conteúdos explorados, o que facilita os processos de aprendizagem e permite que elas vivenciem experiências tais como a de estar em “outros” tempos e espaços, os pertencentes ao contexto ficcional criado (PEREIRA, 2014b).

O fazer teatral do Drama, muito utilizado como espaço para a criação de conhecimentos diversos, pode ser proposto de forma ainda mais ampla nos processos com as crianças pequenas. Permitir que desde cedo vivenciem e interajam com personagens, experimentem contextos ficcionais que contemplem distintos locais, culturas e hábitos e tenham a possibilidade de contribuir diretamente com a construção do processo em que estão inseridos, com mediação das professoras e professores, é reconhecê-

-las como sujeitos de suas aprendizagens e experiências.

Um processo de Drama envolve conteúdos que, no decorrer dos episódios, serão elaborados por meio de vivências, produções, reflexões e decisões coletivas, contribuindo de forma a minimizar a fragmentação dos conteúdos, provocando o envolvimento, o protagonismo e o estabelecimento de vínculos entre pares, com os adultos e com os conhecimentos compreendidos. Conforme Pereira (2014a, p. 5), o Drama

[...] oferecerá sempre dois vieses de aprendizagem – sobre a natureza dramática e sobre um determinado assunto (conteúdo, curiosidade, mistério, investigação, entre outros.) por meio da experiência dramática. O condutor e os participantes irão focar ora em um aspecto ora em outro, mas os dois aprendizados estarão sempre interligados. Dependendo da formação do professor e dos objetivos pedagógicos pelos quais ele desenvolverá um processo, este poderá estar mais centrado no conteúdo a ser apropriado pelos participantes ou na ampliação da capacidade dramática, improvisacional e artística.

Conhecendo-se os vieses de aprendizagem possíveis por meio da experiência dramática, a abordagem do Drama na educação é constituída por um trabalho docente planejado por professoras e professores que conheçam o potencial do Drama para os processos de ensino-aprendizagem. A criação de um processo de Drama pode permitir que as crianças se apropriem de conhecimentos, sejam eles exclusivamente teatrais ou não, a partir de outras vivências, que vão além das tradicionais apresentações teatrais pensadas por adultos e que objetivam um produto final.

Mas de que forma é possível propor o Drama com e para crianças garantindo que as especificidades da infância e os princípios educativos previstos nos documentos oficiais sejam respeitados?

UMA ABORDAGEM PEDAGÓGICO-TEATRAL

O Drama, muitas vezes proposto como método de ensino, pode ganhar um caráter instrumental que restringe seu potencial. Quando apenas “utilizado”, com a intenção de que os participantes se apropriem de determinado conteúdo, o Drama é limitado, perdendo suas amplas possibilidades artísticas de ser, em si, vivência e aprendizagem.

É importante não confundir o “uso” do Drama como instrumento de ensino com a intencionalidade pedagógica fundamental à prática docente. A diferença está na compreensão do processo dramático como um todo, com a integralidade das vivências teatrais propostas.

Um processo de Drama, quando proposto em espaços educativos, deve estar alicerçado na intencionalidade pedagógica docente de contemplar vivências e aprendizagens teatrais, indo além do trabalho para a apropriação de conteúdos, ou seja, conhecendo e respeitando os dois vieses de aprendizagem possíveis por meio da experiência dramática. Dessa forma, uma prática comprometida com a intencionalidade pedagógica necessária ao trabalho docente pode estar baseada em uma abordagem pedagógico-teatral, compreendendo o fazer teatral em sua completude.

Uma abordagem pedagógico-teatral requer um diálogo constante entre a Pedagogia e o Teatro, contemplando conhecimentos de ambas as áreas e colocando as crianças que viverão os processos como centro, sem prescindir de uma ação docente qualificada e atenta às estratégias, teorias e discussões de ambos os campos de conhecimento.

A professora e o professor que utilizam uma abordagem pedagógico-teatral estão atentos aos interesses das crianças, buscam proporcionar contato com materiais diversos, criam contextos ficcionais para a realização do Drama com potencial em variadas áreas de desenvolvimento, conhecimento e aprendizagem, conhecem as convenções teatrais e abrem espaço para que as crianças as experimentem. Sabem, ainda, da importância dos conhecimentos que essas crianças trazem de

suas vivências anteriores, do potencial dos experimentos individuais e coletivos e da influência das decisões desde cedo na formação de sujeitos mais ativos e críticos, consoante afirma Pereira (2014a, p. 7) acerca da atuação em contexto de Educação Infantil;

[...] a ideia é oferecer às crianças materiais que as façam imergir em diferentes situações dramáticas, experimentando sensações diversas, explorando suas reações, ampliando sua expressividade, levando personagens para interagirem com elas e, a partir de suas respostas, propor novas situações. Há uma preocupação com a participação ativa da criança no processo, que ela experimente dramaticamente e perceba, por meio da mediação do professor, a relação entre realidade e ficcionalidade, a criação de papéis, a construção de histórias, a imitação como forma de ampliar as referências corporais e culturais – aspectos próprios da linguagem teatral.

A preocupação docente com a participação ativa da criança no processo levantada por Pereira (2014a), revela um entendimento de criança semelhante à perspectiva compreendida na abordagem pedagógico-teatral defendida neste artigo. Essa perspectiva entende as crianças como atores sociais de pleno direito, produtores de cultura e sujeitos ativos em suas aprendizagens, não como adultos em miniatura, tal como na Idade Média, ou como sujeitos passivos, indivíduos ainda sem voz, tal como no período entre o início do século XVIII e o final do século XIX.

As Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica - DCNs (2013, p. 86) também revelam suas perspectivas e entendimentos acerca da criança quando declaram que ela é

[...] centro do planejamento curricular, é sujeito histórico e de direitos que se desenvolve nas interações, relações e práticas cotidianas a ela disponibilizadas e por ela estabelecidas com adultos e crianças de diferentes idades nos grupos e contextos culturais nos quais se insere. Nessas condições ela faz amizades, brinca com água ou terra, faz-de-conta, deseja, aprende, observa, conversa, experimenta, questiona, constrói sentidos sobre o mundo

e suas identidades pessoal e coletiva, produzindo cultura.

A compreensão do sujeito criança nas Diretrizes vai ao encontro das perspectivas presentes na abordagem pedagógico-teatral aqui proposta. Assim, o processo ganha destaque em relação ao produto final e as experiências passam a ser a finalidade do planejamento docente, voltando a atenção das professoras e professores às elaborações que as crianças podem fazer a partir delas.

FAZENDO DRAMA COM CRIANÇAS

A experiência que será relatada neste tópico foi realizada durante as vivências do Estágio Curricular Supervisionado IV, que ocorreu entre os meses de abril e maio de 2017, na Creche Municipal Nossa Senhora Aparecida, localizada no bairro Pantanal, em Florianópolis, com um grupo de 22 crianças com idades entre 4 e 5 anos e 11 meses. Poder propor um processo dramático para as crianças e contar com escolhas delas para definir a continuidade das ações foi um passo importante para o meu processo de formação como professora.

Apresentarei a seguir algumas questões centrais relacionadas ao processo de planejar e desenvolver o Drama com o objetivo de contemplar aprendizagens teatrais e de outras áreas do conhecimento, de forma a envolver o grupo no contexto ficcional criado e potencializar as experiências criadas pelas crianças.

Durante o planejamento do projeto de docência compartilhada, criamos¹ um processo de Drama intitulado “Procura-se um lar para Folharada” para que fosse o fio condutor das vivências e experiências propostas ao grupo de crianças com as quais compartilhamos o estágio.

As convenções e estratégias do Drama, conforme Pereira (2015, p.137), “[...] oferecem uma variedade de meios para enriquecer, delinear e aprofundar a experiência dramática”. Entre as convenções do Drama propostas ao grupo, estiveram presentes

1 Como a construção do processo foi coletiva, contando com a colaboração de diversos profissionais e colegas, o relato será escrito em primeira pessoa do plural.

em nosso processo a realização em episódios, o pré-texto e a estratégia do professor no papel, que serão detalhadas a seguir.

Acerca da realização do processo em episódios, cada situação que compõe a estrutura narrativa do processo de Drama é considerada uma unidade cênica e chamada de episódio. Dependendo da proposta realizada, a duração de cada episódio varia, podendo um único dia de processo ser dividido em diferentes episódios, ou, assim como no projeto de estágio aqui referenciado, um processo realizado em oito manhãs praticamente consecutivas foi dividido em um episódio por manhã, ou seja, o processo foi dividido em oito episódios.

Sobre o pré-texto, este consiste em uma referência para a realização do processo e, seja em forma de narrativa, som, imagem ou outros, ele pode ser consultado para garantir a coerência dramática, assim como para ser fonte na proposição de novas situações ou papéis (PEREIRA, 2015).

Pereira (2015) lista um rol de possibilidades de pré-textos que têm alto potencial para ancorar um processo de Drama criado para contextos de creches e pré-escolas, tais como as brincadeiras, músicas, contos de diversas culturas, fatos históricos ou atuais, jogos e danças tradicionais, por exemplo.

Desse modo, o primeiro passo para a criação do processo de Drama foi, por meio de dois pré-textos - "O bicho folharada", fábula popular, e o livro "Mitologia das flores" (2014), de Natalí Tenti e Raquel Cané - elaborarmos o seguinte contexto ficcional:

Folharada deixou a floresta em que vivia devido a uma intensa falta de água na região. Agora, precisa encontrar um novo lugar para morar e descobriu que não tão longe, no bairro Pantanal, nos espaços da creche, há diversos reinos de fadas-flores que parecem muito acolhedores. A jornada parece fácil, porém, decidir pela nova morada envolve experimentar diferentes linguagens e propostas. Por meio de cartas enviadas aos exploradores de reinos, que visitaram cada uma das possibilidades, Folharada poderá descobrir em qual reino é bem-vinda e fincar suas novas raízes (BARBIERI, 2018, p. 34).

Assim, as crianças aceitaram assumir o papel de exploradoras de reinos e, durante os oito dias de docência, vivenciaram

propostas que envolviam o faz-de-conta e a brincadeira como eixos centrais do processo, com a finalidade de que desenvolvessem noções de escuta sensível, cuidados uns com os outros e fortalecessem as relações e interações em grupo.

A participação de personagens convidadas foi um destaque do processo, visto que esse contato aproximou ainda mais as crianças do contexto ficcional, permitindo maior envolvimento nas diversas experimentações propostas. O último dia de docência foi marcado pela chegada da Folharada, que no início se comunicou com as crianças por meio de cartas e mensagens de áudio, e depois esteve lá, pessoalmente, respondendo a perguntas do grupo, brincando com as crianças e conhecendo os espaços da creche por meio delas.

A estratégia do professor no papel é utilizada de forma que a professora, ao agir como mediadora ao longo de um processo de Drama, articulando os episódios, apoiando e desafiando as crianças, pode gerenciar as possibilidades teatrais de dentro do contexto ficcional, assumindo um papel. Mas o foco vai além da interpretação (atuação como atriz) ou caracterização da professora, voltando-se ao papel social que ela assume ao encaminhar o processo dramático (PEREIRA, 2015). Essa possibilidade de apoio e desafio às crianças transparece no relato a respeito da visita de Folharada à creche apresentada a seguir.

Realizamos uma ligação, no viva-voz, e as crianças conversaram com Folharada, convidando-a para ir até a sala, pois tinham encontrado um lugar para ela morar. As crianças ficaram animadas com a ligação. Aguardamos poucos minutos e ouvimos uma batida na porta. Todos correram para a roda e ficaram em silêncio. Combinamos de contar até três e dizer "Pode entrar!". Assim fizemos e a porta abriu: Folharada² estava lá. As crianças mostravam-se curiosas e surpresas. Folharada cumprimentou as professoras, foi até a roda e cumprimentou cada criança com um aperto de mão. As crianças deram muitas risadas, pareciam animadas. Explicaram que haviam

2 Atriz convidada Thaís Putti. Na época, estudante de Licenciatura em Teatro da Udesc e professora de Teatro.

achado uma casa para Folharada, que ficava no parque, e foram até lá para lhe mostrar. As crianças estavam totalmente envolvidas no contexto ficcional, mostravam para Folharada tudo o que havia no parque. A primeira coisa que mostraram foi o canteiro de flores “Nós que plantamos!”.

Como uma característica da personagem Folharada é o medo, em vários momentos ela relutou em seguir as crianças. Elas encorajavam-na: “Vai Folharada! Vai Folharada!”. Em uma conversa com o grupo, Folharada perguntou como iria comer se morasse sozinha no parque. As crianças disseram que iriam lá todos os dias levar comida para ela. Pedro disse que ela poderia aprender a subir em árvores frutíferas e comer frutas. Maria Luiza disse que seu pai mora sozinho e consegue comer, que então ela também conseguiria. Folharada brincou com as crianças: subiu na casinha de madeira do parque, desceu pelo escorregador, entrou no barco de madeira, brincou de esconder. Por fim, explicou que precisava buscar sua mudança para poder ir morar no parque. Isadora foi até a sala e trouxe a grande bolsa cheia de Folhas com a qual Folharada chegou e a entregou. Folharada explicou que teria que buscar sua escrivanhinha preferida, mas que depois voltaria. As crianças seguiram-na até a sala, disseram que era linda, maravilhosa, pediram que ficasse. Pedro disse que poderia ensiná-la como ser mais corajosa. Muitas crianças abraçaram-na e despediram-se³.

Em relação aos aspectos teatrais trabalhados, as crianças vivenciaram a imersão em contextos ficcionais, a vivência de situações dramáticas e papéis, a exploração corporal, a improvisação, a interação com professoras personagens, as situações de faz de conta, a expressividade corporal, a exploração da imaginação e o envolvimento com ambientes cênicos.

Propusemos as experimentações a partir de diversas linguagens, tais como desenho e pintura; música, sons e barulhos; teatro e dança; poesias e literatura; fotografia e vídeo. As vivências ocorreram por meio de interações com as fadas-flores e outras personagens, da construção da composteira com a pesquisadora, da exploração do ambiente externo da creche e de seus

3 Excerto extraído dos diários de campo referentes à segunda semana de docência compartilhada.

elementos, por exemplo. Além disso, as crianças ouviram e criaram histórias, criaram obras coletivas, degustaram frutas que não faziam parte do cardápio da creche, solucionaram enigmas, investigaram e transformaram espaços da creche, tornando as vivências parte não só do grupo, mas também da instituição.

Ao final do processo, em conversa com as crianças do grupo, com as profissionais da creche e entre as colegas e professores de estágio, avaliamos e percebemos como as vivências tornaram-se significativas e como o Drama foi o principal responsável pelo alcance dos objetivos determinados no projeto de docência. Ainda que o processo tenha sido curto, foram perceptíveis os resultados positivos. A apropriação de conhecimentos, teatrais e não teatrais, pelas crianças foi observada a partir das participações nas rodas de conversa diárias, nos desenhos e nas brincadeiras que as crianças criaram durante e depois dos dias de docência.

As experiências vividas e aqui relatadas propõem a reflexão a respeito da importância de envolvermos a linguagem teatral nas propostas. É por meio dela que as crianças podem ampliar seu potencial de expressão, experimentar diferentes espaços e tempos propostos pelo contexto ficcional e interagir com diferentes recursos e materialidades.

Outra reflexão importante é a respeito do encantamento das crianças durante as vivências dramáticas. Durante o nosso processo, as crianças mostraram-se envolvidas, curiosas, chegavam animadas à creche, querendo saber o que mais descobriríamos, que história, brincadeira ou outra experiência faríamos juntos. As crianças perguntavam pelas personagens, participavam das propostas e imaginavam diferentes desfechos para as situações com as quais nos deparávamos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar os diálogos possíveis entre a infância, a educação e a arte é um desafio para valorizar e potencializar as brincadeiras que as crianças já desenvolvem, é o desejo de encantar e estabelecer vínculos em contextos educativos, é dar espaço para a sensibilidade sabendo que ela pode ressignificar as vivências.

As reflexões aqui propostas, com a intenção de aproximar o Teatro e a Pedagogia, apresentam novas formas de planejar e vivenciar as rotinas nos espaços de creches e pré-escolas. Desse modo, professoras e professores podem experimentar outras possibilidades de abordagem para alcançar seus objetivos na prática docente.

Propor um processo de Drama para as crianças ainda na Educação Infantil pode viabilizar tempos e espaços para que elas falem sobre suas experiências anteriores; entrem em contato com diferentes materiais e áreas do conhecimento; participem das decisões que interferem nas rotinas das instituições educativas; compartilhem com os colegas seus saberes; fortaleçam os vínculos entre pares e com os adultos que os cercam; brinquem; explorem a partir de variadas corporeidades; estabeleçam as relações entre o real e o ficcional; ampliem suas habilidades artísticas; e, deem novos passos em direção a sua própria formação como sujeitos cada vez mais críticos e ativos.

O currículo da Educação Infantil, conforme as DCNs (2013, p. 86)

[...] é concebido como um conjunto de práticas que buscam articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, científico e tecnológico. Tais práticas são efetivadas por meio de relações sociais que as crianças desde bem pequenas estabelecem com os professores e as outras crianças, e afetam a construção de suas identidades. [...] as práticas que estruturam o cotidiano das instituições de Educação Infantil devem considerar a integralidade e indivisibilidade das dimensões expressivo-motora, afetiva, cognitiva, linguística, ética, estética e sociocultural das crianças.

Esse conjunto de práticas, que privilegia conhecimentos acerca das relações sociais e culturais, dos conhecimentos artísticos e científicos, apresenta especificidades que dialogam com características centrais dos processos de Drama, tais como a proposição de experiências sem a necessidade de um produto final, mas sim com o objetivo da vivência de diferentes situações, assim como as reflexões e as elaborações decorrentes delas.

O Drama como proposta de abordagem na atuação docente voltada à Educação Infantil permite ampliar as experiências, contribuir com a construção de novos referenciais e com o protagonismo das crianças em seus processos de aprendizagem. Desse modo, o Drama torna-se potencial para que os conhecimentos definidos nos documentos oficiais sejam experienciados de diferentes formas pelas crianças e ganhem significado por meio das relações e interações vivenciadas.

REFERÊNCIAS

BARBIERI, Nicole Pacheco. **“Criança adora um Drama!”: a abordagem pedagógico-teatral do Drama como possibilidade para Experiências na Educação Infantil.** 2018. 80 f. TCC (Graduação) - Curso de Licenciatura em Pedagogia, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica.** Brasília: MEC/SEB/DICEI, 2013. 542 p. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/docman/julho-2013-pdf/13677-diretrizes-educacao-basica-2013-pdf/file>>. Acesso em: 01 out. 2018.

DELGADO, Ana Cristina Coll. A emergência da Sociologia da Infância em Portugal. **Revista Educação: Cultura e Sociologia da Infância.** São Paulo, v. 1, n. 1, mar., 2013. p.14-27.

PEREIRA, Diego de Medeiros. **Drama na Educação Infantil: experimentos teatrais com crianças de 02 a 06 anos.** 2015. 296 f. Tese (Doutorado) - Curso de Teatro, Programa de Pós-graduação em Teatro, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

_____. **Teatro na Educação Infantil: em busca de possibilidades.** In: ANPED SUL, 10., 2014a, Florianópolis. Trabalhos Completos. Florianópolis: X Anped Sul, 2014. p. 1 - 16. Disponível em: <http://xanpedsul.faed.udesc.br/arq_pdf/1783-0.pdf>. Acesso em: 28 fev. 2018.

_____. **Drama como uma possibilidade teatral na Educação Infantil.** Revista Aspas, [s.l.], v. 4, n. 2. Universidade de São Paulo: São Paulo, 8 dez., 2014b. p.68-79.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. Para encantar é preciso encantar-se: Danças circulares na formação de professores. **Caderno Cedes**. Campinas, v. 30, n. 80, jan., 2010. p.40-55.

TENTOTI, Natali. **Mitologia das Flores**. São Paulo: Vergara & Riba, 2014.